

Trans-Imagens

Antônio Fatorelli

portfólio



Paisagens invisíveis

Rogério Luz

O século XVIII, no Ocidente europeu, inventou uma disciplina: a estética. A partir daí, o domínio da sensibilidade é objeto de um discurso não apenas normativo – artesanal ou técnico – mas filosófico. O sensível aparece como irreduzível às outras ordens da razão. A arte poderá resistir a essa encampação?

A invenção do estético, acompanhada da criação da história e da crítica de arte, precede e prepara a revolução nos circuitos da produção de imagem e cria esse objeto chamado *sujeito sensível*. Nossa sensibilidade é, portanto, destino histórico. A fotografia emerge dos desdobramentos desse contexto. Há quase dois séculos, ela veio abrir uma dimensão inesperada em nossas relações de espaço e tempo.

Arte ou técnica? Registro ou invenção? Ficção ou realidade? Dilemas que a fotografia terminou por abandonar, arrebatada pela paixão de imagens novas. Hoje, desfez-se – sob a pressão dos complexos processos de gestão do sensível presentes na sociedade contemporânea e da tarefa que, nessa circunstância histórica, incumbe à arte – a fronteira entre gêneros (artes gráficas e plásticas, fotografia, cinematografia, vídeografia, infografia). Grafias – portanto, escritas – pelas quais busca inscrever-se um mutante corpo de sensações.

Ora, desde seu surgimento, a fotografia – uma escrita da luz e com a luz, dependente tecnicamente do espaço perspéctico da *camera obscura* – transformou os pressupostos mesmos daquele espaço. Com isso, radicalizou-os e terminou por contrapor-se à produção de um mundo centrado e unificado, mundo mimético das analogias e das semelhanças. O que torna possível a emergência de um sujeito fotográfico não é a reprodução de formas historicamente naturalizadas, mas o registro de uma vizinhança imaginária e em princípio aleatória, que faz surgir uma nova figura do momento e do lugar. Na fotografia, o sujeito resulta da conexão entre um aparato tecnológico, produtor de olhar, e um instante qualquer em que a imagem – real ou virtual – se manifesta em um espaço sem raiz, no distanciamento de uma duração contida. Essa é uma das maneiras de a fotografia pensar a realidade e processar um sujeito para a realidade.

As imagens de **Antonio Fatorelli** surgem do clássico procedimento da ampliação, a que a tecnologia do computador – na busca do acidente de imagem – empresta a potência de um delírio. Figuras da distância, elas se encobrem sem profundidade na superfície mesma do plano. O irreconhecível, que contorna a dicotomia do visível e do invisível, avança até nós sob um disfarce impenetrável ao

projeto de estetização do cotidiano ou de testemunho de verdade. Uma coisa qualquer, perdida e indiferenciada, habita um presente que não foi vivido nem é lembrança: a imagem começa a surgir do mais remoto, toma o nosso olhar de passagem e o arrasta para arrabaldes de sentimento. Dessa maneira, ela traça do longínquo a veloz passagem casual, que leva o pensamento a se pensar, na visão, como divagação, partida, ausência e finalmente inércia

Como as coisas, com as coisas, o pensamento passa e estaciona em algum lugar inassinável, de onde então pode reunir forças para um recomeço. Os vultos se põem a caminho sem passado nem futuro. Fragmentos ou pormenores, o que sobra da coisa em vias de desaparecer é recolhido como resíduo material, rebelde a distinções entre sujeito e objeto, natureza e máquina. Tal, por exemplo, o ciclista ignorado pelo foco da lente e pela exigência de composição do quadro, em sua imobilidade apressada e difusa. Este ciclista inscreve-se em uma camada temporal situada além das fronteiras do humanismo fotográfico, seja ele documental ou formalista.

Destroços da matéria de imagem, portanto. Acasos do tempo e lapsos de um espaço que se faz sem limite são convocados, pelo fotógrafo, a se manifestar. Menos uma arqueologia do que uma espeleologia do urbano: cavernas de olhos obscuros, na superfície mesma das cidades, provisoriamente iluminadas, abrem-se ao sentimento do estranho.

Estas fotos não contam uma história, nem mesmo apenas esboçada, nem estabelecem, entre o autor e o espectador, um vínculo expositivo. Nessa escrita de sombra, Fatorelli exerce doce violência sobre percursos anônimos, que correm, célere ou morosamente (é impossível decidir) para o silêncio: ele resolve invocá-los do fundo indiferenciado de momentos que não são nossos e aos quais somente a tecnologia, a serviço da arte, pode aceder.

Duplos de uma origem que sempre escapa, tais figuras, no limite oscilante entre o que se ensombrece e o que se ilumina, prometem uma nova temporalidade em suspenso, resultante da mistura insólita de pensamento e extensão. Para tanto, elas solicitam de nós o retraimento que lhes permita acontecer. O mapeamento curioso da superfície neutra da tela digital não é, porém, desencantado: o fotógrafo cuida desses seres fugidios, ampara sua fragilidade, celebra, à sua maneira, a alegria indiferente dos começos.

Artista que ensina e pesquisa a história e a teoria da fotografia, Antonio Fatorelli encontra nessas atividades a matéria-prima de uma busca mais fundamental, anterior ao discurso e ao conceito: a de uma imagem de pensamento que agencia e contrapõe, de modo singular, as demandas atuais, mesmo trágicas, de nossa condição sensível.















ANTONIO FATORELLI é fotógrafo, doutor em Comunicação e professor da Escola de Comunicação da UFRJ.

ROGÉRIO LUZ é professor, poeta e artista plástico. Publicou recentemente *Filme e subjetividade* (Ensaio, 2002), *Diverso entre contrários* (Poesia, 2004) e *Correio sentimental* (Poesia, 2006). O prêmio Casa de Rui Barbosa 2005 concedeu-lhe menção honrosa pelo trabalho *Cornelio Penna, uma leitura a menos*.